



XI Congresso Português de Sociologia  
*Identidades ao rubro: diferenças, pertenças e  
populismos num mundo efervescente*  
Lisboa, 29 a 31 de março de 2021

**Secção/Área temática / Thematic Section/Area:  
Identidades, Valores e Modos de Vida**

**O Naturalismo como exemplo de uma “sociologia ingénu” - o caso de Abel  
Botelho**

**FERREIRA DE ALMEIDA, Ricardo;** European Review of Artistic Studies;  
ricardomfa@hotmail.com

**Resumo**

Este artigo pretende abordar uma hipotética relação entre as formulações programáticas do naturalismo no campo da literatura portuguesa e as preocupações disciplinares manifestas no dealbar da sociologia em Portugal. Para tal, recorreremos à análise de textos substanciais que matizam estas as duas dimensões, focando com especial interesse o caso do escritor duriense Abel Botelho. É nossa intenção fazer um excursus sobre a proximidade entre as formas narrativas apreciadoras do real achadas na literatura e a observação sociológica munida de ferramentas científicas. Em todo o caso, não se pode ocultar que as primeiras tentativas de edificação da sociologia reportam as mesmas preocupações, pelo que o ulterior paralelismo não é totalmente despiendo.

**Abstract**

This article intends to approach a hypothetical relationship between the programmatic formulations of naturalism in the field of Portuguese literature and the disciplinary concerns manifested at the dawn of sociology in Portugal. To this end, we will resort to the analysis of substantial texts that blend these two dimensions, focusing with special interest on the case of the Douro River writer Abel Botelho. It is our intention to make an excursus on the proximity between the narrative forms appreciating the real found in the literature and the sociological observation provided with scientific tools. In any case, it cannot be hidden that the first attempts at building sociology report the same concerns, so that the further parallelism is not entirely negligible.

Palavras-chave: Naturalismo; Sociologia; Literatura; Abel Botelho  
Keyword: Naturalism; Sociology; Literature; Abel Botelho

XI-APS-72888



## **1. Introdução**

Este artigo sustenta-se no enquadramento socio-histórico do naturalismo enquanto corrente literária difundida em território nacional e deriva para a análise de alguns dos seus aspectos presentes na obra do escritor duriense Abel Botelho. Pretende-se perscrutar, discutir e comparar o posicionamento estético do naturalismo com a análoga colocação doutrinal observada nas embrionárias prospecções sociológicas realizadas em Portugal. É este, além da predileção particular pelo flanco, que firmou o romance social, o principal motivo inspirador da sua confecção, pois acreditamos estar perante um quadro em que se pondera uma eventual influência recíproca entre as duas metades em questão no que concerne ao foco narrativo-descritivo, mais particularmente, na combinatória de um lado analítico com um lado moral, tópicos abordados na obra de Abel Botelho<sup>i</sup>.

O rumo será o seguinte: em primeiro lugar, associaremos o regime de produção ideológica ao desenvolvimento das correntes literárias, focando o caso do naturalismo nos espectros internacional e nacional, incluindo a marcha ascendente da burguesia em Portugal, encarando-a como embrião que esteia uma renovação dos processos narrativos, do objecto e dos conteúdos literários; na sequência, estudaremos o ambiente social e histórico no sentido de entender a coincidência entre os processos narrativos estritamente literários, que apelidamos de “sociologia ingénu” por convenção ligada à identificação do problema e à criação da hipótese teórica em debate, e os processos narrativos que buscam a objectividade descritiva dos factos sociológicos, associada a uma disciplina que desabrochava em Portugal no contexto do século XIX<sup>ii</sup>; note-se que aferimos o adjectivo “ingénuo” sob o ponto de vista da espontaneidade, da irreflexão, da imprevidência e do descuido teórico e metodológico; então, teremos motivo para incluir na análise a obra de Abel Botelho e fazer algumas conclusões que não se podem esgotar neste trabalho.

## **2. Enquadramento teórico**

### **2.1. Correntes artísticas, produção ideológica e sua associação à burguesia**

Estimando que a nossa argumentação fique clara e se institua sintonia entre as secções referidas nas capitulares (arte, classe e ideologia), é essencial trazer para a discussão o

vínculo entre estas partes e as práticas sociais correlatas, encadeamento que assenta na perspectiva de que as correntes estéticas reproduzem uma moral emanante de grupos sociais particulares.

Neste texto, aferimos sob a óptica marxista o assunto da produção de vida material com base em modalidades de pensamento hegemónico, que “condiciona o processo da vida social, política e espiritual. Não é a consciência dos homens que determina o seu ser, mas, inversamente, o seu ser social que determina a sua consciência” (Marx, 1869, p. 6). Este juízo remete para a autoridade das representações sociais dominantes e para um sistema de ideias regido unicamente pela sua lógica interna, determinada por relações económicas e sociais historicamente situadas (Étienne, Bloesse, Noreck, & Roux, 2004, p. 238) e que visa a imposição da ideologia dominante, a da burguesia. A este combinado, devemos adicionar a infiltração das estruturas capitalistas nas artes (Glixon & Glixon, 2008), a gradual capacidade económica e social dos criadores e as teorias da acção, que trataremos sumariamente.

Para entendermos as práticas sociais, além de procedermos à circunscrição do lugar de classe, é necessário vislumbrar a composição dos valores que as orientam. De igual forma, tomando a corrente “do método histórico-sociológico que consiste em deduzir hipóteses teóricas através da análise histórica da literatura” (Ricciardi, 1971, p. 15), funcionaremos como Taine, para quem o procedimento de observação literária deve “definir os caracteres e procurar as causas”, uma vez que “os produtos do espírito humano (...) só podem ser explicados pelo meio” (Taine, citado em Ricciardi, 1971, p. 23).

A propósito deste tópico, usemos o exemplo do romantismo. Enquanto manifestação artística, é coetâneo ao período das revoluções americana e francesa, corta com a inspiração neoclássica, rejeita a supremacia da razão e censura a harmonia formal a favor do individualismo, da emoção e da imaginação; os seus cultores situam-se em alguns estratos da burguesia e reflectem uma tipologia de consciência formada pela ascensão do liberalismo político, aclamando o progresso em sintonia com a confiança e livre expressão do sentimento, reconstruindo a alma do povo e exultando com a nacionalidade e o homem renovado<sup>iii</sup>. Neste grande movimento de actualização literária, que sobrepõe a vida interior à exterior, realidade que oprime e é agente de tensão (Tadié, 1992, p. 41), o romantismo toma “os pobres diabos, os anti-heróis, os esmagados e os deixados por conta da história” (Tadié, 1992, p. 71) como suas personagens centrais.

Em Portugal, o romantismo é introduzido por Almeida Garret, embora surja com “fisionomia distinta” (Saraiva A. J., 1970, p. 156) face ao resto da Europa, solidário com as ideias introduzidas pela revolução liberal, associando-a à revolução literária. Em território nacional, a sua ascendência é maioritariamente francesa. Acresce o empenho e participação activa na vida política de alguns autores, que incluem a fuga do país e o envolvimento na luta armada, como Alexandre Herculano.

Devotando-se à exposição dos ambientes e ao aprofundamento descritivo das características psicológicas das personagens, o romance romântico<sup>iv</sup> impõe-se. As obras de Stendhal ou de Balzac, responsável pela criação do romance naturalista, positivista para Gramsci (Gramsci, 1974, p. 272) e mecanicista para Lukács (Lukacs, 1965), constituem um painel expositivo dos modos de vida da burguesia, “ao ponto de dividir a história do romance em duas grandes épocas: antes de Balzac e depois de Balzac” (Moisés, 1967, p. 160); Dostoievski, Tolstoi e Gogol adensam as narrativas relatando o que vai no íntimo das suas figuras, Proust e Joyce conferem-lhe temporalidade histórica.

Os realistas portugueses beberam nesta fonte, mas transpuseram-na, inspirados nas correntes evolucionistas, positivistas e socialistas que lhes forneceram um “guia mental até ao fim do século XIX” (Moisés, 1978, p. 124), em nome de uma nova intelectualidade que se desejava cosmopolita, reformista e delatora do declínio das instituições burguesas. Desta arte, lembramos que a literatura, enquanto campo de demarcação de juízo, é orientada por um combinado de acções de cariz valorativo sustentado pelos diversos grupos sociais, suas trajectórias e seus estilos de vida (Bourdieu, 1979) que pretendemos assinalar de seguida.

## **2.2. O naturalismo e o seu contexto**

Nas primeiras páginas de *O Romance Experimental*, Zola divulga a polémica em torno da invenção do neologismo: o naturalismo nasceu “da necessidade em que se encontra cada escritor de tomar por base a natureza” e de “verificar factos” (Zola, 1982, p. 88) através de um método experimental analítico da realidade; assim, prossegue, “o naturalismo nas letras, é o retorno à natureza e ao homem, a observação directa, a anatomia exacta, a aceitação e a pintura do que existe” (Zola, 1982, p. 92), promulgando o valor da ciência como primado na construção literária, ao ponto de impor a neutralidade ao autor e sua “impersonalidade moral” (Zola, 1982, p. 104).

Bebendo na fonte das teorias finisseculares da medicina determinista e da zoologia (Pais Simon, 2013, p. 314), parecem claras as disposições do naturalismo: a solitação associativa entre a arte e a ciência, em primeiro lugar, a censura à literatura romântica que, inversamente à naturalista, não fornece uma “activa lição de real” (Zola, 1982, p. 106), em segundo, e a defesa da função social e ética do romance, prescritora da investigação dos autores nos locais do enredo, por último lugar.

Assinalando o influxo dos combates sociais de mudança de século, a crise dos regimes políticos e o panorama de ascensão do irracionalismo como expressão da filosofia burguesa denunciado por Lukács (Netto, 1978, p. 41), os autores naturalistas reivindicavam a moralidade num mundo supostamente imoral onde o mais forte vencida o mais fraco. A tese é patente no texto seminal desta corrente estilística, *Therese Raquin*, redigido por Émile Zola em 1867 e na sua obra-prima, *Germinal*, de 1885, que condensa as instruções científicas necessárias para a nova escrita.

O naturalismo é, na sua essência, moralista, regulador de costumes e prescritor de decoro, dirigindo a sua atenção às práticas sociais conectadas à mobilidade social das classes subalternas (Santana, 2015, p. 159) e, mais especificamente, à vigilância do comportamento feminino em contexto matrimonial. No que se refere à atitude do autor, ela é duplamente defensiva: “resguarda-se da crítica invocando os valores da boa consciência burguesa, ao mesmo tempo que põe em causa esses supostos valores” (Santana, 2015, p. 162), anotando uma sùmula de representações sociais, como a obsessão e o desequilíbrio sexual, de grande valia enquanto fonte de análise sociológica. Além disso, a influência exercida em solo nacional pelo naturalismo dos apodados “desenraizados de fim de século”, como António Nobre ou Manuel Laranjeira, para citar alguns dos exemplos mais emblemáticos, resulta de um labor crítico pronunciado pelo realismo contra o romantismo e foi cultuado pela pequena burguesia.

Mais do que descrever, importava compreender, postulado que Júlio Lourenço Pinto bebe de Zola, apresentando as suas ideias num conjunto de publicações que viriam a ser compiladas na obra *Estética Naturalista*. Tal como o francês, considera importante fixar leis estéticas num século onde a ciência impera, impulsionada pela filosofia positiva que acicata o princípio revolucionário e a dinâmica social, “agente activo da lei do progresso que explora este fundo imanente na alma humana de eternas revoltas latentes contra as superioridades consagradas” (Lourenço Pinto J. , 1884, p. 18).

A revolução mental far-se-á pela síntese entre a filosofia e a ciência, das letras e da arte, pelo que se torna necessário que o artista se identifique com a natureza “não para a copiar servilmente, mas para a interpretar, sem exagerações que a desfigurem” (Lourenço Pinto J. , 1884, p. 25). Contraria-se deste jeito a postura romântica, incapaz de perceber a razão explicativa dos fenómenos naturais mediante a utilização do método indutivo e objectivo de análise experimental e de observação dos processos psicológicos (Lourenço Pinto J. , 1883-1884, p. 79).

O romantismo é idealista, diverge do essencial, da “verdade natural para se lançar nas abstracções e num exagerado subjectivismo” (Lourenço Pinto J. , 1884, p. 41), e o naturalismo, apesar de ser pessimista, busca debater a influência que o meio exerce sobre o individuo. O novo escritor, assumindo-se admirador da auscultação minuciosa, sempre problemática e não isenta de erros metafísicos e de enganosa ideologia antropocêntrica, expõe, artisticamente as incongruências, limitações e deformidades do real, através de uma observação crítica do idealismo romântico.

As relações de proximidade entre o naturalismo e as correntes positivistas disseminadas no século XIX, como lembram Gramsci (Gramsci, 1974), Rebello (1978a; 1978b), Pires de Lima (Pires de Lima & Cruz, 1991) e Seabra Pereira (1998), são reflexo de ascensão da burguesia e da promoção de uma ordem laica. Neste sentido, a intervenção artística representaria o corolário da alfabetização popular, a elucidação das verdades sobre as desigualdades sociais e, por fim, o primado de uma espécie de sociologia devotada à análise de problemas sociais e da verdade natural. Reis Dâmaso afirma que o “romance moderno é um documento psicológico [e] a sociologia, ciência nova, tem de o auscultar como fiel intérprete dos sentimentos de uma época” (Dâmaso, 1883-1884, p. 420).

Será esta asserção forçada e, em simultâneo, estranhamente progressista? Pensamos que não, relendo Lourenço Pinto. Ao método de observação psicológica do romantismo, o naturalismo coteja com o “confronto com o mundo exterior” (Lourenço Pinto J. , 1884, p. 45), postura fundamental na compreensão social. Afigura-se aqui a penetração do positivismo, das doutrinas sociológicas larvares e do organicismo, onde busca a influência: “e, na opinião de Comte, o verdadeiro alcance desta concepção consiste em aplicar aos fenómenos intelectuais o princípio fundamental da biologia, que estabelece a correspondência do organismo e do meio” (Lourenço Pinto J. , 1884, p. 46). O romantismo, voltado para o passado, confronta-se com a ansiedade do presente, naturalista.

## **2.2. Sociologia, narração e análise literária**

É relevante a tese de Carvalho Homem, ao sugerir a diluição da ciência na estética para expressar a dificuldade de imposição da disciplina em Portugal no século XIX<sup>v</sup>. Diz o autor que a sociologia não arrancou porque a contestação política foi simultaneamente estética, e vice-versa, assim como existiu um “estado de positividade”, diligência pouco científica e “decalque servil do cientificismo” (Carvalho Homem, 2001, p. 166), transformando-a num “cientismo portador de uma sementeira de ilusões” (Carvalho Homem, 2001, p. 173).

Ora, em Portugal, além do influxo positivista, a sociologia recebeu influências do pensamento socialista, activo nas Conferências Democráticas do Casino Lisbonense de 1871, de carácter doutrinário, onde predominava o sentimento de angústia pela “decadência nacional”. Nessas palestras estiveram envolvidos Antero de Quental, Eça de Queiroz, Adolfo Coelho e Augusto Soromenho, entre outros que se perfilavam para dissertar, mas foram impedidos pelas autoridades que as ilegalizaram prematuramente. Contudo, fica patente a ideia do pacto com o capitalismo, com a industrialização e com a burguesia, classe moderna por excelência que sofreu a oposição da aristocracia, nas palavras de Antero de Quental (Quental, 1871), validando a tese do compromisso estético em detrimento da análise sociológica moderna. Ou seja, as transformações sociais e políticas postas em marcha pela Constituição de 1822, a industrialização, a penetração do positivismo e da doutrina comtiana, dos ideais socialistas e republicanos, encontram eco na produção científica e literária.

O que vincula a sociologia à literatura são as formas narrativas que então se encontravam amalgamadas em pretensões descritivas. Longo (Longo, 2006, p. 5), citando Lepenies, informa que durante o século XIX e o século XX o saber sociológico e o conhecimento literário disputavam entre si a capacidade de proporcionar representações da realidade eficazes, realistas e orientadas eticamente. O caminho para a objectividade e sedimentação disciplinar implicou a procura de formas específicas de descrição sociológica, de estabelecimento de causalidades, de uso de uma base teórica e da demonstração objectiva de resultados empíricos. E a sociologia foi gradualmente construindo uma narrativa que se prestou a fornecer sentido aos seus pressupostos metodológicos e teóricos (Longo, 2006, p. 4), rumando à denotação (intelectual,

cognitiva ou representativa) em detrimento da linguagem literária, que é conotativa (afectiva ou emotiva) (Aguiar e Silva, 1973, p. 45).

Por mais que Teófilo Braga, figura de proa no esforço de implantação da sociologia em Portugal<sup>vi</sup>, reivindique o estudo científico da sociedade, apreciando Eça de Queiroz nas páginas da revista *A Renascença* e declarando que esse apenas está ao alcance dos diplomados na “filosofia que primeiro conseguiu sistematizar em corpo de doutrina a complexidade dos fenómenos sociais” (Braga, 1878, p. 98), a porosidade entre a sociologia e a literatura era evidente. E clarificava-se numa época em que a sociologia da literatura fora prematuramente ensaiada por Madame de Stael em “*De la littérature considérée dans ses rapports avec les institutions sociales*” que, ao reiterar o estudo da diacronia (Araújo Neto, 2005, p. 58), abre campo para considerações subsecutivas que dão conta da base estrutural da obra de arte, observada como experiência humana com nexos e ligação ao real (Ricciardi, 1971, p. 47).

Braga professava um projecto de educação e emancipação moral dos indivíduos, carácter doutrinário que Teixeira Fernandes (Teixeira Fernandes, 1996) e Victor Sá (Sá, 1978) assinalam como característico da época; além disso, pugnou pelo desenvolvimento dos estudos de cariz sociológico e buscou a conversão do curso superior de Letras em Faculdade de Sociologia. No final de oitocentos, a disciplina entrava no currículo dos cursos de Direito (Veloso Neto, 2013, p. 44), mais cedo do que em alguns países europeus (Falcão Machado, citado em Ágoas, 2013, p. 225), para se colocar no rumo da profissionalização e autonomização que só aparece na década de 60 do século XX, com a criação do Instituto de Estudos Sociais e do Instituto Superior Económico e Social de Évora, anteriormente Instituto de Estudos Superiores, de iniciativa privada ligada aos jesuítas, que cria o curso de Sociologia (Silva & Costa, 2013, p. 186).

Influenciado pelas correntes positivistas e evolucionistas do século XIX, bosquejadas por Comte (1798-1857) e Spencer (1820-1903), Teófilo Braga publica obra que se afigura como tentamen de edificação da matéria no nosso país, ainda que elementar nos capítulos teórico e metodológico. Essa especificidade é perseguida na revista *O Positivismo*, fundada em parceria com Júlio de Matos e editada entre 1878 e 1882, e na publicação de *Systema de Sociologia*, ambas de carácter especificamente doutrinário, mas que reivindicam a exposição das “leis naturais” e o seu carácter dedutivo e descritivo (Braga T. , 1884), ainda que pejudicadas de dilemas intelectuais, morais e sociais característicos do tempo e que assinalam o ambiente de mau estar finissecular

(Afonso, 2015, p. 132). Porém, a novel matéria conhecia débil penetração no mundo universitário, achava-se quase sempre articulada e dependente de outras áreas académicas e experimentava, por este motivo, indiferenciação disciplinar, como considera Madureira Pinto (Madureira Pinto, 2004, p. 12); da mesma maneira, como alguns dos seus pares, não era imune às lutas político-ideológicas e aos movimentos sociais coevos.

Tratando-se ou não de uma coincidência, ao tempo histórico que a disciplina se manifesta em Portugal, o naturalismo combina a observação dos costumes com a sua intenção moralizadora, como defende Luiz Francisco Rebello (1978a;1978b), usando um tom paternalista no tratamento dos operários, característico da mentalidade pequeno-burguesa. O programa literário naturalista assevera que um caixilho sociológico particular origina a “lógica de vício, desmando e aberração que conduz à fatalidade” (Barros Correia, 2008, p. 24), patente num conjunto de situações que repassam o argumento determinista remanescente na transição do século: as camadas aristocráticas eram debochadas e serviam-se sexualmente das camadas menos favorecidas, que se vendiam a troco de dinheiro fácil.

Da mesma forma, a revista “Luz e Vida”, autodesignada como uma publicação de «sociologia, de arte e de crítica», professava um programa libertador sem apresentar as ferramentas apropriadas para o conhecimento da desigualdade, desinteressando-se de temas como o trabalho, os direitos ou as organizações dos trabalhadores, bem vivas então. Não obstante, alguns dos seus textos são paradoxais: se Campos Lima recusa o atavismo social em detrimento da percepção das condições sociais como hipótese explicativa da criminalidade, introduzindo os assuntos da “situação económica, as torturas da vida d’hoje, o eterno conflito entre a sua natureza e a insatisfação das suas necessidades” (Lima, 1905, p. 82), Ângelo Jorge, director da revista, afina por um diapasão naturalista no seu poema “Filhos de Pobres”, pranteando a luta colossal diária, a obrigação de trabalhar precocemente para suprir as necessidades pessoais, a diferença de classes, a falta de instrução escolar, a fome, os locais onde vivem os pobres, “vuelas lóbregas, sem ar, onde a desgraça mora e a fome habita [tal como] anda a tísica má num bafo impuro, a espreitar e a bailar à roda delas” (Jorge, 1906, p. 96), condição que apenas terminará na “paz da sepultura”.

Se num primeiro momento o espírito liberal favoreceu o desenvolvimento da sociologia em Portugal, num segundo momento, algum conservadorismo sustentado

por laivos intelectuais da geração de 70 e a influência da pauperologia, “o estudo das diferentes expressões da miséria social e os seus remédios”, como anota Afonso (Afonso, 2015, p. 136), limitou-o. Não se deve ocultar que Eça de Queiroz, em *A Capital*, escarnece de Artur Corvelo, o protagonista da história que se lança “no culto de exclusivo de Proudhon, Stuart Mill e Augusto Comte, e ignorava realmente o que vinham fazer Jesus, Madalena e os sicómoros da Betânia em pleno século XIX, à hora do Positivismo e do Socialismo!” (Queirós, 1999, p. 22).

### **3. Metodologia**

Para a elaboração deste texto, procedemos a uma pesquisa exploratória apoiada na consulta documental de algumas obras do autor mencionado em título, procurando reconstruir, pelo recurso a fontes bibliográficas especializadas, algumas delas disponibilizadas pelos serviços culturais do município de Tabuaço, lugar de origem de Abel Botelho, as dinâmicas históricas, culturais e sociais que a matizam. Além disso, examinamos os rudimentos da inaugural perspectiva sociológica, reportando-nos a alguns dos seus autores mais significativos. Esta é a nossa amostra, inteiramente recolhida em fontes secundárias.

### **4. Resultados**

#### **4.1. Abel Botelho: Biografia breve e contexto**

Abel Acácio de Almeida Botelho nasceu no seio de uma família burguesa em Tabuaço, vila do distrito de Viseu, em 1854 (Maia Marques, 2008, p. 9). Auspiciado para uma carreira académica, teve, por força da morte prematura do progenitor, de seguir os estudos no Real Colégio Militar como pensionista do Estado, obtendo posteriormente o resto da formação. Na sequência, desempenhou tarefas militares que o leitor pode investigar e que não cabe aqui trazer. Como manifestamos, interessa-nos a dimensão de escritor envolvido no ambiente literário do seu tempo. Provavelmente, a presença regular no terreno, efectuada no âmbito das suas obrigações profissionais, lhe tenha fornecido um conhecimento significativo acerca da condição da população e da geografia portuguesas, assim como aguçado a veia artística, ainda que o seu estado de ânimo no prelúdio do seu passamento indique alguma desilusão com o seu percurso pessoal e

literário. Anota Mendes de Almeida (Mendes de Almeida, 1979, p. X) que o autor, numa carta dirigida a sua mulher, se lamenta de uma vida social nula porque nada ajudou para a “descoberta de uma verdade nova nem contribuiu para a reprodução da espécie”, repetindo-se o queixume em correspondência enviada ao amigo Forjaz Sampaio.

Nascido durante o reinado de D. Pedro V, testemunha o assassinio do rei D. Carlos e do príncipe Luís Filipe, acompanha a subida ao trono de D. Manuel II em progressivo clima de fervor republicano, e porventura terá conhecido o efeito do aumento das despesas do Estado e dos défices público e comercial na última década do século XIX, a que se somava o incipiente crescimento industrial, uma astronómica taxa de analfabetismo, elevadas taxas de emigração e os problemas coloniais com a Inglaterra (Proença, 2008, p. 20). A agitação social, especialmente o movimento proletário, que se propagava pela Europa e não apenas por Portugal, assim como a subsequente transformação regimentar na passagem do século, terá influenciado a pena do autor. O capitalismo era necessário, dizia-se na altura, mas, embora o seu avanço em solo nacional se localize em meados do século XVIII<sup>vii</sup>, a classe que o estimula aparece apenas um século mais tarde e o seu processo de radicação foi lento e tardio, devido ao momento político-histórico que Portugal atravessava, à sua imensidão territorial e à imposição dos tratados comerciais ingleses que lhe abriram os mercados coloniais portugueses<sup>viii</sup>.

Aproveitando as “contradições imperialistas” (Sá, 1988, p. 276) da altura, observa-se notoriamente esse desenvolvimento capitalista burguês em Portugal no último quarto do século XIX, pelo aumento de importação de máquinas industriais e agrícolas. Neste período de relevante estabilidade para o “fomento material” (Rosas, 2010, p. 18), após a destituição de Costa Cabral, assiste-se ao incremento de obras públicas repercutidas no aumento do número de operários, entre eles, camponeses proletarizados. A burguesia, manobrando nos interstícios do poder e aproveitando vantajosamente as convulsões políticas, amplifica o património e fortifica o seu domínio face a um regime senhorial declinante, imune às sucessivas revoltas populares.

Que metamorfoses introduziu a Regeneração, período de consolidação capitalista ou o “código genético da burguesia”, usando a expressão de Fernando Rosas (Rosas, 2010, p. 103)? Conhecem-se dois aspectos dessa transformação, analisados por Villaverde Cabral (Villaverde Cabral, 1988): o primeiro, no plano político, teve como objectivo pôr fim aos golpes de Estado, incrementar e firmar um ideário liberal burguês, matizado

em associações que visavam a promoção da industrialização do país; o segundo, no plano social, patente na crítica ao modelo expansionista liberal, visível na liberalização do comércio cerealífero e conseqüente importação livre, nas reacções a favor do proteccionismo, no aumento dos salários médios e nos fluxos migratórios, reparos que também chegavam dos quadrantes da “pequena e média burguesia, interessada no proteccionismo e apoiante da Constituição, dominante no Vintismo e Setembrismo” (Rosas, 2010, p. 18).

A alta burguesia, “ligada ao *import-export*, à especulação e à finança, ao livre cambismo, à Carta, à dependência face a Inglaterra, é que viria a ser ganhadora” (Rosas, 2010, p. 18), uma vez que, segundo Victor de Sá “foi a partir de então que se iniciou a grande empresa de construção dos caminhos-de-ferro e das comunicações viárias e postais, que iriam viabilizar a formação do mercado interno. Intensificaram-se as estruturas financeiras e associativas da burguesia (bancos, sociedades anónimas). Adoptaram-se os códigos Penal (1852), Civil (1867) e reformaram-se o Administrativo (1872) e o Comercial (1888) (...) A burguesia passou a dominar por completo a sociedade e o Estado” (Sá, 1988, p. 279).

#### 4.2. A obra de Abel Botelho

Abel Botelho publica um conjunto de títulos que se iniciam com *Lira Insubmissa* (1885, com 30 anos) e terminam com o incompleto *Amor Crioulo* (1913, com 58 anos); ainda se inclui na sua obra a série de contos *Mulheres da Beira*, escritos entre 1885 e 1896, dominando a escrita lírica e a dramática. Das conseqüências da sua dramaturgia, destaca-se a proibição da peça de teatro *Vencidos da Vida*, apesar de ter conhecido grande sucesso no meio alfacinha (Câmara Municipal de Tabuaço, s.d.), assim como *Claudina* e *Imaculável*, do mesmo género. Falece de doença inesperada em 1917, na Argentina, quando exercia funções diplomáticas no Ministério dos Negócios Estrangeiros. A 26 de Abril do mesmo ano, o *Primeiro de Janeiro* apresentava-o como “um analista poderoso cheio de cruezas nos pormenores descritivos das misérias humanas, preferindo em arte o realismo mais descarnado, a observação dos vícios repugnantes” (Maia Marques, 2008, p. 35).

Englobamos nesta vaga naturalista que pincelou o país, e onde Botelho se inscreve como figura de proa dos mais célebres escritores portugueses a operar sobre esta influência, romances de Eça de Queiroz, como *O Crime do Padre Amaro* ou a *Tragédia*

da *Rua das Flores*, de Camilo Castelo Branco, que qualificou *Eusébio Macário*, parodisticamente, como *História Natural e Social de uma família no tempo dos Cabrais*, e tem o seu equipolente em *Próspero Fortuna*, de Abel Botelho. Teixeira de Queirós e Carlos Malheiro Dias, autor de *A Mulata*, obra que gerou grande controvérsia na viragem de século, são também nomes a pesar nesta tendência estilística que toma como base o realismo.

A série *Patologia Social*, onde pontificam os romances *O Barão de Lavos*, cuja temática é a homossexualidade e a prostituição masculina, e *O Livro de Alda*, que glosa sobre o mesmo assunto da venda de serviços sexuais e a bissexualidade feminina, dísticos assaz expressivos no campo da categorização da «doença social» como exemplo de transgressão, destaca-se no conjunto da obra de Abel Botelho, na medida em que cogita a sociedade mas não se compromete com a sua transformação radical. Diz Abel Botelho no periódico *Mala da Europa* (Mendes de Almeida, 1979, p. xxii) que com esta colecção “desejava apenas alertar para a degradação da sociedade da época, e contribuir para o saneamento da moral nacional”. Saneamento é diferente de transformação, note-se.

Reconheça-se que a síntese entre a filosofia e a ciência, as letras e a arte, preconizada pelos autores desta casta, respaldada nas ciências naturais, concebe um modelo moralista e retórico, fustigador do vício social e do desequilíbrio moral e orgânico. Nas palavras de Vítor Neto, “ao definir a sociedade como um organismo e aceitando a ideia de evolução, os intelectuais decadentistas estabeleciam uma analogia entre a natureza e a realidade social. Por isso, a doença e a morte da sociedade eram factos tão naturais como os que ocorriam em outros organismos vivos” (Neto, 2000, p. 262). A dissolução do carácter deve-se ao desequilíbrio dos factores fisiológicos, influenciados pelo ambiente social, pela raça e pela hereditariedade, tese que está presente no conjunto da obra de Abel Botelho, pelo que importa passar os olhos por alguns exemplares de forma a salientar os seus aspectos mais marcantes. Assumimos o estudo do autor enquanto membro de uma sociedade, influenciado pela dinâmica histórica, cariz da sociologia da literatura.

### **4.3. Etologia e patologia: análise comprometida com a arte**

Durkheim distingue a normalidade da patologia no terceiro capítulo do clássico *As Regras do Método Sociológico* (Durkheim, 1895). A patologia, dizia ele, era minoritária

e excepcional, contrapunha-se aos fenómenos sociológicos comuns e regulares, e cabia ao sociólogo encontrar as suas causas para o devolver à normalidade. Mostrava-se que o programa da sociologia não era apenas científico, escorado em pressupostos de racionalidade para a boa condução da sociedade, mas sobretudo moral, atitude que emparelha com a de outras ciências humanas coevas, como é o exemplo da psicologia, apegada à filosofia, mas desincorporada da anatomia (Fuchs & Milar, 2003, p. 4). O uso dos vocábulos que apresentamos em capitular, e que são empregados em subtítulos de obras do autor que estudamos e na designação de colecções devotadas à discussão empírica de casos, talvez possam ser entendidos face à associação, oportuna ou fortuita, entre a fundamentação científica reivindicada pelo programa naturalista e os recursos literários dependentes. Vejamos alguns exemplos.

Em *Sem Remédio - Etologia de um fraco*, é recorrente a exposição fisiológica das características das personagens e a especificação da sua proveniência social. Esta obra narra o dilema de Gastão, que a um tempo implora a mão da provinciana Lúcia em casamento, mas posteriormente se encanta por Sara, corista de uma companhia teatral, provavelmente afectado pelas “prodigalidades de uma mimada educação e de uma excessiva ternura [que] favoreceram nele o desdobramento de certas demasias sentimentais” (Botelho, 1900, p. 30). Sucede-se o enamoramento e a gravidez inesperada da amante, que o frágil Gastão não consegue encobrir nem resolver, adiando uma solução honrosa que ocupa grande parte da trama.

Note-se a inserção do conceito de etologia no subtítulo, provavelmente subsidiário de uma leitura das teorias darwinistas, que matricula a preocupação literária em circunscrever o indivíduo como ser bio-psico-social, assim como a recorrente argumentação do oportunismo das classes desfavorecidas e da sua inferioridade moral: o episódio do jantar de Sara e Gastão na *Tasca do Rascão* é um exemplo consistente, detalhando a sordidez do espaço, a imundície geral, os fadistas casuais e os “dois efeminados noctâmbulos [que] entravam de braço dado” (Botelho, 1900, p. 95). No desfecho do romance, descreve-se a insanidade de Lúcia e a preparação do suicídio motivado pelo desespero e pela ignomínia da infidelidade conjugal: “atochou por completo o quarto de flores, pelos móveis, pelo chão e em torno e por cima do leito [...] depois [...] lançou ao pescoço uns velhos «bentinhos» de grande veneração [...] e deitou-se, amparada de um grande jubilo interior, nesse improvisado jardim da morte” (Botelho, 1900, p. 186).

Em *Amanhã*, obra incluída na série *Patologia Social*, inscrita num tempo histórico de vigência do anarquismo e do socialismo utópico, Abel Botelho expõe com perícia os tópicos naturalistas: à descrição dos bairros habitacionais das camadas populares, onde “havia um cheiro acre e nauseante, cumulativamente a hospício, a curral e a cemitério” (Botelho, 1902, p. 26) e fervilhava “a vida industrial empilhada e intensa, como que um grande formigueiro em repouso, a leviatanesca fecundação da miséria e do trabalho” (Botelho, 1902, p. 24), é acrescentada a narração da luta inglória dos operários desqualificados, alienados e reprovados pelas faixas mais favorecidas. Em linha com este argumento, Jorge, filho de um empresário, considera que existe “uma percentagem enorme de aleijões morais”, mas questiona se “a ruindade é por acaso apanágio da pobreza”, visto que “velhacos, impostores, ladrões, há os em todas as classes, em todas as camadas sociais” (Botelho, 1902, p. 90). No termo do romance, e após sucessivas reuniões dirigidas pelo anarquista Mateus que despoletaram a sublevação operária contra o domínio do Estado, assim como o suicídio do protagonista por remorsos de um amor não correspondido e traição à insurreição, sobressai o clima de pessimismo, a indolência e o atavismo, conjugados com a desesperança na mudança e emancipação operária. As classes desfavorecidas eram, naturalmente, passivas e incultas.

No conto *O Cerro*, de 1896, descreve-se a pressão social exercida sobre a filha de um proprietário rural apaixonada por um bacharel, prestando tributo aos argumentos da medicina, ciência positiva, que explica racionalmente o padecimento mental de Teresa e os motivos para ter ingressado num convento. À “religiosidade irracional e exclusiva de maníacos” (Botelho, 1896, p. 68) dulcificada com livros religiosos, “os mais sublimados, os mais transcendentos, os mais histéricos na frase, os mais ferozes no fanatismo, os mais abstrusos na ideia” (Botelho, 1896, p. 69), contrapunha-se ciência habilitada para detectar uma anemia decorrente da devoção exagerada.

A temática da “doença moral” assoma no conto *A Fritada*, inserto em *Mulheres da Beira*: à paixão por um indivíduo de classe social distinta, derrubada pelas palavras dissuasoras da Tia Antónia, que “fez notar ainda friamente a desigualdade das duas condições dele e dela, a nenhuma probabilidade de um enlace matrimonial entre ambos, a própria disformidade dela” (Botelho, 1898, p. 106), era acrescentado o aleijão, evidência do grotesco que Anabela Barros Correia (2008) explora com grande perspicuidade em tese académica. A dicotomia entre o campo e a cidade e a diferença

de classes é mote para o conto *A Frecha da Misarela*, inserto na mesma obra, que foi transposto para o cinema por Rino Lupo (Lupo, 1923), sendo a sua primeira realização na Invicta Film.

Por sua vez, em *O Barão de Lavos*, obra censurada por altura da primeira publicação nas páginas do jornal *Diário de Notícias* em 1891 (Silva R. , 2005), regressa o assunto da convenção social como pretexto para a ocultação da homossexualidade do protagonista. A preferência sexual foi impregnada no colégio e consolidada durante uma viagem a Roma, circunstância que distanciou o herói de uma vida matrimonial conforme às expectativas e o conduziu a sessões de masturbação encoberta e a contactos pedófilos com crianças desfavorecidas, sempre que o seu amante Eugénio, “rapaz de classes baixas”, mandrião e engenhoso na conquista de favores monetários, que prosseguia a sua vida de borguista e gastava a compensação em prostitutas e jogo, não comparecia aos contactos “andromaniacos”. O casamento do aristocrata era usado “como variante e como correctivo”, (Botelho, 1898, p. 39). Para sobrecarregar o argumento do ambiente patológico, de degeneração social e moral, o autor coloca o protagonista a requisitar a presença do amante para o seu lar, enfadado pelos encontros sigilosos e melindrado com a predilecção do amante bissexual pelo género feminino, ainda que arrostando a maledicência vicinal e as sucessivas exigências para engravidar a esposa. O desfecho é referencial nesta tipologia de romances: coloca o amante bissexual na cama da esposa enxovalhada, Elvira.

Acrescente-se que a narrativa apreça a configuração corporal do Barão, “cabeça pequena, ombros estreitos e descaídos, bacia ampla, rins muito elásticos, pés metendo para dentro” (Botelho, 1898, p. 35), manifestamente repugnante para o autor, e calcula a visibilidade dos seus gostos homossexuais nas obras de arte, nomeadamente na presença do quadro *O Rapto de Ganimedes*, que Sebastião fervorosamente defendia para anotar a supremacia do corpo masculino sobre o feminino. Reinaldo Silva (Silva R. , 2005) sugere que a escolha deste nome não é inocente e se relaciona com a figura andrógina do mártir São Sebastião, assim como a descrição da actividade sexual é bastante explícita neste romance. Já em *O Livro de Alda* ela é subentendida. Aqui repete-se a postura viciosa e a degradação social: a protagonista manifesta traços de histerismo (Botelho, 1979, p. 332) e sobrevive à custa da sua amante, a Marquesa de Águas Boas, com quem dá “beijos lésbicos” e faz “coisas místicas” (Botelho, 1979, p. 363). Ligado a Alda e às pulsões sexuais que ela maximiza, Mário esquiva-se de Branca e do amor conjugal que adia permanentemente.

Reconhecemos um padrão narrativo e estético no combinado das obras examinadas. Em primeiro lugar, o pormenor descritivo, a exaustividade no detalhe, pretende matizar o quadro actancial por recurso a pormenores que o vocabulário empresta e que, no plano pictórico, encontram paralelo nas obras de pintura dos seus congéneres de estilo, como Malhoa, Bordalo Pinheiro ou Silva Porto, em Portugal, ou Courbet e Breton, entre outros, no resto do mundo. Em segundo lugar, implica-se a prática sexual desviante na demolição do modelo de conjugalidade monogâmico, designado como aferidor normativo e aceitável; em paralelo, embora se tente fornecer uma explicação racional para o comportamento patológico que versa as rotinas das camadas sociais onde os protagonistas actuam, a narração é atravessada por uma sensação de desilusão, característica da geração literária finissecular. Por fim, classificam-se as camadas sociais mais desfavorecidas como naturalmente indelicadas e desinstruídas, caso sejam provenientes do espaço urbano, e inocentes, no caso de serem do espaço rural. Ou seja, as circunstâncias produtoras de desigualdade são-lhe inerentes, o que remete as explicações para um eixo moral exemplificativo das sociologias espontâneas.

## **5. Conclusões**

Traçar uma tangente entre as primeiras formulações conhecidas em Portugal da disciplina que estuda as relações sociais e a literatura coeva, faz com que reconheçamos que a observação dos fenómenos sociais requirite alguma especialização disciplinar para que não se transforme numa matéria desprovida dos elementos fundamentais aos paradigmas - a ontologia, a metodologia e a teoria -, de saber parcelar e relativo e, por isso, suprível face a qualquer opinião subjectiva. Existem diferenças substanciais entre a narrativa sociológica e a narrativa literária, assim como entre a sociologia de carácter científico e as sociologias “espontâneas”, embora seja oportuno e sociologicamente pertinente estudar e comentar a vicinalidade estilística.

A “sociologia ingénua”, ao alcance de todos e que alguns usam circunstancialmente, expressa um ímpeto de emitir juízos vagos e sem coerência científica. Não se detecta na apreciação narrativa da massa de escritores naturalistas qualquer projecto de transformação da sociedade portuguesa. Ao contrário, perpassa a censura e a naturalização da condição inferior dos grupos sociais de estratos mais humildes, imputa-se-lhes a degenerescência, a desarmonia e a violação de padrões morais,

esculpindo na prosa juízos de classe e as estruturas cognitivas burguesas. Em todo o caso, não se pode ocultar que as primeiras tentativas de edificação da sociologia reportam as mesmas preocupações, pelo que o ulterior paralelismo não é totalmente despiciendo.

Abel Botelho viveu o declínio luso finissecular, relacionou-se com as metamorfoses sociológicas suscitadas pela transformação capitalista que abalaram a estrutura social do país, observou a conversão dos costumes, a desagregação de uma ordem moral e a comutação por outra. Na sua empresa de escritor comprometido com a mudança, acreditou ter-se valido da ciência para explicar os problemas que necessitavam de resolução, denunciando-os de acordo com a sua conspexção de mundo. Todavia, como tentamos demonstrar, as circunstâncias de produção de desigualdade não são clarificadas na obra literária. Provavelmente, não é esse o seu escopo, apesar da repetida convocação destes conteúdos de grande melindre para a sociedade do seu tempo.

A observação do aprofundamento das estruturas capitalistas em Portugal assinala-se na escrita de Abel Botelho. Porém, desconhece o método de análise do materialismo histórico e algumas das suas chaves heurísticas, a luta de classes ou a extracção de mais-valias do trabalho operário. Chegará mais tarde, com o neo-realismo, mas o caminho foi nitidamente aberto por aqueles que largaram a narração dos feitos dos deuses e se devotaram a descrever o quotidiano do homem comum. Fizeram-no defrontando todas as perspectivas mecanicistas, que aguardam<sup>ix</sup> a mudança do mundo sem intervir directamente no seu curso.

Do nosso lado, e após termos considerado uma parte da sua obra, concluimos que o estudo da simetria entre o autor e a dinâmica histórica fornece apontamentos úteis para a compreensão deste universo de práticas sociais e abre caminho a observações em outros campos que pretendam analisar esta relação. De idêntica maneira, importa consagrar atenção à localização social dos autores, à perspectiva de reconhecimento da sua obra, à interacção entre os processos individuais e os processos colectivos na construção da narrativa e na selecção das temáticas.

## Notas

Por decisão pessoal, o autor do texto não escreve segundo o novo acordo ortográfico.

- <sup>i</sup> Este texto resulta da preocupação, entretanto interrompida institucionalmente e desprovida de suporte académico, em fazer uma análise comparada entre a produção de conhecimento das ciências sociais e as formas narrativas que apreciam as dinâmicas das sociedades. Procura-se apreciar a conjugação estrutural entre as formas expressivas, a classe social, a aprendizagem formal e informal, assim como a disseminação dos produtos artísticos, a alimentação de redes de sociabilidade que facilitam o escoamento dos fluxos artísticos e a edificação de uma cultura do gosto.
- <sup>ii</sup> A propósito, conferir o texto de Fernando Luís Machado, citado em bibliografia.
- <sup>iii</sup> Paradoxalmente, “os movimentos românticos tanto se expressam pelo conservadorismo político do progresso, quanto pela exacerbação nacionalista ou pelo anticapitalismo revolucionário” (Justino, 2016, p. 144), atingindo maior relevância em Portugal no fim de século sob a fórmula do neo-garrettismo. Esta traduziu a interposição política de uma geração conservadora contra a presumida corrupção fundada pelo liberalismo e suas consequências sociais, estabelecida numa plataforma retórica direccionada ao apontamento crítico que usou como recurso a intervenção literária.
- <sup>iv</sup> Importa notar que no século XVIII, o sentido do adjectivo «romântico» se reporta ao carácter medieval do assunto narrativo, e os assuntos «clássicos» se referem à antiguidade (Backés, 1988, p. 305).
- <sup>v</sup> Por sua vez, Ágoas (Ágoas, 2013, p. 222) considera que a sociologia vista como “figura epistémica de contornos académicos perfeitamente definidos (...) só começou a ganhar forma [em Portugal] na segunda metade do século XX”, por força de uma “ruptura epistemológica entre um passado pré-disciplinar e um presente propriamente científico”.
- <sup>vi</sup> A ascendência de Teófilo Braga na sociologia portuguesa é ensaiada por Falcão Machado em 1962 e suportada por Veloso Neto (Veloso Neto, 2013), que o classifica como figura de proa no primeiro estágio evolutivo da sociologia portuguesa, compreendido entre a década de 1870 e meados da década de 1920.
- <sup>vii</sup> Veríssimo Serrão (1984a, 1984b), Villaverde Cabral (Villaverde Cabral, 1988), Fernando Rosas (Rosas, 2010) e Hermano Saraiva (Saraiva J. H., 1991) são unânimes a considerar que a ascensão da burguesia marchou a par da penetração do ideário liberal no campo político-económico que se estabelece e desenvolve em território nacional por efeito das invasões francesas. Tem primeiro reflexo, no plano da acção política, na conspiração de Gomes Freire de Andrade, em 1817, que projectou o estabelecimento de uma monarquia constitucional. Posteriormente, a revolução de 24 de Agosto de 1820, que alastrou do Porto ao resto do país e tomou forma na Constituição de 1822, assinala o aparecimento político do liberalismo no país, mesmo que José Hermano Saraiva (Saraiva J. H., 1991) considere

que a sublevação liberal deva ser vista como uma regeneração do ideal monárquico e, por isso, considerada elitista, uma vez que exigia o regresso do rei, a expulsão dos ingleses e a recuperação do estatuto do Brasil anterior à fuga de D. João VI.

<sup>viii</sup> Villaverde Cabral (Villaverde Cabral, 1988) considera que o Tratado de Methuen sinaliza o advento de um proto-capitalismo português do género agrícola, escorando a sua tese na afirmação de Orlando Ribeiro, que sustenta que o capitalismo se instala em Portugal a partir de 1735 por via do processo de vedação dos campos abertos e da ocupação privada de baldios, acompanhada pela produção de legislação favorável à actividade e aparecimento de pequenos ofícios manufactureiros exportadores e reformadores das velhas corporações medievais então existentes.

## Referências

- Afonso, J. A. (18 de Março de 2015). Educação, Religião e Progresso em Teófilo Braga. Uma releitura do Sistema de Sociologia (1884). *AULA: Revista de Pedagogia de la Universidad de Salamanca*(21), pp. 131-147.
- Ágoas, F. (2013). Narrativas em perspetiva sobre a história da sociologia em Portugal. *Análise Social*, XLVIII(206), pp. 221-256.
- Aguiar e Silva, V. M. (1973). *Teoria da Literatura*. Coimbra: Livraria Almedina.
- Araújo Neto, M. L. (Janeiro/Dezembro de 2005). Origens e Problemática da Sociologia da Literatura. *Revista de Letras*, 1/2(27), pp. 58-63.
- Backés, J. L. (1988). *A Literatura Europeia*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Barros Correia, A. (2008). *O espelho deformante: Imagens do grotesco em Fatal Dilema, de Abel Botelho*. Tese de Mestrado em Estudos Românicos, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Departamento de Literaturas Românicas, Lisboa. Obtido de [http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/337/1/19598\\_ulflL063624\\_tm.pdf](http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/337/1/19598_ulflL063624_tm.pdf)
- Botelho, A. (1896). *O Cerro* (2009 ed.). Porto: Lello Editores.
- Botelho, A. (1898). *Mulheres da Beira* (2004 ed.). Porto: Lello Editores.
- Botelho, A. (1898). *O Barão de Lavos*. Porto: Lello Editores.
- Botelho, A. (1900). *Sem Remédio (Etologia de um fraco)* (2005 ed.). Porto: Lello Editores.
- Botelho, A. (1902). *Amanhã* (1982 ed.). Porto: Lello Editores.
- Botelho, A. (1979). *Obras de Abel Botelho, Volume I – O Barão de Lavos; O Livro de Alda; Amanhã; Fatal Dilema*. Porto: Lello & Irmão Editores.

- Botelho, A. (2009). *O Cerro*. Porto: Lello & Irmãos.
- Bourdieu, P. (1979). *A Distinção-Crítica Social do Julgamento* (2006 ed.). Porto Alegre: Editora Zouk.
- Braga, T. (Maio, Junho, Julho de 1878). Eça de Queiroz. *A Renascença: órgão dos trabalhos da geração moderna*, pp. 93-97. Obtido em 27 de Junho de 2019, de [http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/Periodicos/ARenascenca/N05a07/N05a07\\_item1/P25.html](http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/Periodicos/ARenascenca/N05a07/N05a07_item1/P25.html)
- Braga, T. (1884). *Systema de Sociologia*. Lisboa: Tipografia Castro Irmão. Obtido em 27 de Fevereiro de 2019, de <https://www.literaturabrasileira.ufsc.br/documentos/?action=download&id=92044>
- Câmara Municipal de Tabuaço. (s.d.). *Abel Botelho- Diplomata e Escritor*. Obtido em 19 de Março de 2019, de [www.cm-tabuaco.pt](http://www.cm-tabuaco.pt); <https://www.cm-tabuaco.pt/index.php?info=YTo0OntzOjQ6Im1lbnUiO3M6MzoiY2FtIjtzOjM6Im1pZCI7YToyOntpOjA7czo0IzZmZiO2k6MTtzOjM6IjQwMCI7fXM6MzoiY2lkIjtzOjM6IjQwMCI7czo0MzoidmVyc2FvX3RhYmVsYSI7czo2OiJvbmxpbmUiO30=&info2=YToxOntzOjU6ImlkX2ZzIjtzOjM6IjM4NiI7fQ=>
- Carvalho Homem, A. (2001). *Da Monarquia à República*. Viseu: Palimage Editores.
- Dâmaso, R. (1883-1884). Teorias da Arte. *Revista de Estudos Livres*, II(9).
- Durkheim, E. (1895). *As Regras do Método Sociológico* (2007 ed.). São Paulo: Martins Fontes.
- Étienne, J., Bloesse, F., Noreck, J. P., & Roux, J. P. (2004). *Dictionnaire de Sociologie*. Paris: Hatier.
- Fuchs, A., & Milar, K. (2003). Psychology as a science. Em D. Freedheim, *Handbook of Psychology* (pp. 1-20). Nova Jersey: John Wiley & Sons, Inc.
- Glixon, B., & Glixon, J. (2008). *Inventing the business of Opera: The impresario and his world in seventeenth century Venice*. Nova Iorque: Oxford University Press.
- Gramsci, A. (1974). *Obras Escolhidas* (Vol. II). Lisboa: Estampa.
- Jorge, A. (Julho de 1906). Filhos de Pobres. *Luz e vida : sociologia, arte, critica*(6), p. 96.
- Justino, D. (2016). *Fontismo: Liberalismo numa sociedade iliberal*. Lisboa: Edições Dom Quixote.
- Lima, C. (Junho de 1905). A extinção da criminalidade. *Luz e vida : sociologia, arte, critica*(5), pp. 82-84.

- Longo, M. (Janeiro de 2006). Narracion y Sociologia: literatura, sentido comun, escritura sociologica. *Nómadas. Revista Crítica de Ciencias Sociales y Jurídicas*.  
Obtido em 24 de Junho de 2019
- Lourenço Pinto, J. (1883-1884). Do método a seguir na aplicação do realismo à arte. *Revista de Estudos Livres*, I(2).
- Lourenço Pinto, J. (1884). *Estética Naturalista* (1996 ed.). Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda.
- Lukacs, G. (1965). *A Teoria do Romance* (2000 ed.). (J. M. Mariani de Macedo, Trad.) São Paulo: Editora 34.
- Lupo, R. (Produtor), Botelho, A. (Escritor), & Lupo, R. (Realizador). (1923). *Mulheres da Beira* [Filme]. Porto.
- Machado, F. L. (2020). *Sociologia em Portugal - Da Pré-história à Institucionalização Avançada*. Porto: Afrontamento.
- Madureira Pinto, J. (2004). Formação, tendências recentes e perspectivas de desenvolvimento da Sociologia em Portugal. *Sociologia, Problemas e Práticas*(46), pp. 11-31.
- Maia Marques, J. A. (2008). *Abel Botelho e a Guerra Peninsular*. Tabuaço: Municipio de Tabuaço.
- Marx, K. (1869). *O 18 de Brumário de Louis Bonaparte* (1975 ed.). Coimbra: Centelha.
- Mendes de Almeida, J. (1979). Esboço biobibliográfico e estudo linguístico. Em A. Botelho, *Obras de Abel Botelho* (pp. V - LIX). Porto: Lello & Irmãos Editores.
- Moisés, M. (1967). *A criação literária: Prosa I*. São Paulo: Editora Pensamento.
- Moisés, M. (1978). *Presença da Literatura Portuguesa* (5ª ed., Vols. III Romantismo-Realismo). Rio de Janeiro - São Paulo: Difel.
- Neto, V. (2000). Abel Botelho: quadros de patologia social. *Revista de História das Ideias*, 21, pp. 261-306.
- Netto, J. P. (1978). *Lukacs e a crítica da filosofia burguesa*. Lisboa: Seara Nova.
- Pais Simon, M. C. (2013). O pacto realista em Eusébio Macário. Em A. A. Lourenço, M. H. Santana, & M. J. Simões, *O século do Romance: realismo e naturalismo na ficção oitocentista* (pp. 309-320). Coimbra: Centro de Literatura Portuguesa - Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Obtido em 2 de Janeiro de 2019, de <https://estudogeral.sib.uc.pt/bitstream/10316/45693/1/O%20S%C3%A9culo%20do%20Romance.pdf>

- Pires de Lima, I., & Cruz, W. (Julho de 1991). O combate naturalista no Porto : as revistas literárias. *Revista Colóquio/Letras*(121-122), pp. 142-154.
- Proença, M. C. (2008). *D. Manuel II*. Lisboa: Temas e Debates.
- Queirós, E. d. (1999). *A Capital*. Lisboa: Universitária Editora.
- Quental, A. (27 de Maio de 1871). *Causas da decadência dos povos peninsulares - Discurso proferido por Antero de Quental, numa sala do Casino Lisbonense, em Lisboa, no dia 27 de Maio de 1871, durante a 1.ª sessão das Conferências Democráticas*. Obtido em 21 de Janeiro de 2019, de O Portal da História: <http://www.arqnet.pt/portal/discursos/maio01.html>
- Rebello, L. F. (1978a). *O Teatro Naturalista e Neo-Romântico (1870-1910)* (Vol. 16). Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, Coleção Biblioteca Breve.
- Rebello, L. F. (1978b). *O Teatro Romântico (1838-1869)* (Vol. 51). Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, Coleção Biblioteca Breve.
- Ribeiro, M. A. (2001). O teatro naturalista: da teoria à prática. Em C. Reis, *História da Literatura Portuguesa* (Vol. 5: O Realismo e o Naturalismo). Lisboa: Publicações Alfa.
- Ricciardi, G. (1971). *Sociologia da Literatura*. Lisboa: Publicações Europa América.
- Robert, M. (1979). *Romance das origens, origens do romance*. Lisboa: Via Editora.
- Rosas, F. (2010). Antecedentes: o Estado que faz e desfaz fortunas (1850-1910). Em F. Rosas, F. Louçã, L. Fazenda, J. Costa, & C. Honório, *Os Donos de Portugal – Cem anos de poder económico (1910-2010)*. Porto: Edições Afrontamento.
- Sá, V. d. (1978). *Esboço Histórico das Ciências Sociais em Portugal* (Vol. 17). Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, Coleção Biblioteca Breve.
- Sá, V. d. (1988). A Subida ao poder da Burguesia em Portugal. *Revista de História*, VIII, pp. 273-280.
- Santana, M. H. (Junho-Julho de 2015). O Naturalismo e a moral ou o poder da literatura. *Revista Soletras - Revista do Departamento de Letras da FPF/UERJ*(30), pp. 158-171. doi: <http://dx.doi.org/10.12957/soletras.2015.19104>
- Saraiva, A. J. (1970). *História da Literatura Portuguesa* (10ª ed.). Lisboa: Edições Europa-América.
- Saraiva, J. H. (1991). *História de Portugal*. Lisboa: Edições Alfa.
- Seabra Pereira, J. C. (Janeiro de 1998). Recensão Crítica a «Estética Naturalista / Estudos Críticos», de Júlio Lourenço Pinto. *Revista Colóquio / Letras*, p. 365/367.

- Silva, A. (23 de Jul-Set de 2017). Abel Botelho e sua obra: impacto na zona duriense. *Revista de Estudos Literários do Faial*, pp. 4-7. Obtido em 23 de Outubro de 2019, de <http://www.joigjweohgjka!hgjhwget/kjtweltjwle.com>
- Silva, A., & Costa, R. (2013). Évora, 1964: contributos para a institucionalização da Sociologia em Portugal. *População e Sociedade*, 21, pp. 185-195.
- Silva, R. (Abril de 2005). Abel Botelho and the Discourse on Sexuality in Portuguese Naturalist Fiction. *Cadernos Neolatinos, Número especial sobre Émile Zola e o Naturalismo*.
- Tadié, J.-Y. (1992). *O romance no século XX*. Lisboa: Publicações Dom Quixote.
- Teixeira Fernandes, A. (1996). O conhecimento científico social: elementos para a análise do seu processo em Portugal. *Sociologia Problemas e Práticas*(20), pp. 9-41.
- Veloso Neto, H. (2013). Principais estádios evolutivos da sociologia em Portugal. *Sociologia - Revista da FLUP*, XXVI, pp. 37-59.
- Veríssimo Serrão, J. (1984a). *História de Portugal – 1851-1890 O Terceiro Liberalismo* (Vol. IX). Lisboa: Editorial Verbo.
- Veríssimo Serrão, J. (1984b). *História de Portugal - 1807-1832 A Instauração do Liberalismo* (Vol. VII). Lisboa: Editorial Verbo.
- Villaverde Cabral, M. (1988). *Portugal na Alvorada do século XX – Forças sociais, Poder Político e Crescimento Económico de 1890 a 1914*. Lisboa: Editorial Presença.
- Zola, E. (1982). *O Romance Experimental e o Naturalismo no Teatro*. São Paulo: Perspectiva.